

## Primeiro Ato - Primeiro Quadro

### *Encenação - Dramatização - Indicações cênicas [1]*

Ao subir o pano [2], a cena está quase às escuras. Apenas um jato de luz, da direita, lança alguma claridade sobre o cenário [3]. Mesmo assim, após habituar a vista, o espectador identificará facilmente uma pequena praça, onde desembocam duas ruas. Uma à direita, seguindo a linha da ribalta [4], outra à esquerda, ao fundo, de frente para a plateia [5], subindo, encadeirada e sinuosa, no perfil de velhos sobrados coloniais [6]. Na esquina da rua da direita, vemos a fachada de uma igreja relativamente modesta, com uma escadaria de quatro ou cinco degraus [7]. Numa das esquinas da ladeira [8], do lado oposto, há uma vendola, onde também se vende café, refresco, cachaça etc. ; a outra esquina da ladeira é ocupada por um sobrado cuja fachada forma ligeira barriga pelo acúmulo de andares não previsto inicialmente. O calçamento da ladeira é irregular e na fachada dos sobrados vêem-se alguns azulejos estragados pelo tempo. Enfim, é uma paisagem tipicamente baiana, da **Bahia** velha e colonial, que ainda hoje resiste à avalanche urbanística moderna.

Devem ser, aproximadamente, quatro e meia da manhã. Tanto a igreja como a vendola estão com suas portas cerradas. Vem de longe o som dos atabaques [9] dum candomblé [10] distante, no toque de lansan [11]. Decorrem alguns segundos até que Zé-do-Burro surja, pela rua da direita, carregando nas costas uma enorme e pesada cruz de madeira. A passos lentos, cansado, entra na praça, seguido de Rosa, sua mulher. Ele é um homem ainda moço, de 30 anos presumíveis, magro, de estatura média. Seu olhar é morto, contemplativo. Suas feições transmitem bondade, tolerância e há em seu rosto um “quê” de infantilidade. Seus gestos são lentos, preguiçosos, bem como sua maneira de falar. Tem barba de dois ou três dias e traja-se decentemente, embora sua roupa seja mal talhada e esteja amarrotada e suja de poeira. Rosa parece pouco ter de comum com ele. É uma bela mulher, embora seus traços sejam um tanto grosseiros, tal como suas maneiras. Ao contrário do marido, tem “sangue quente”. É agressiva em seu “sexy”, revelando, logo à primeira vista, uma insatisfação sexual e uma ânsia recalcada de romper com o ambiente em que se sente sufocar. Veste-se como uma provinciana que vem à cidade, mas também como uma mulher que não deseja ocultar os encantos que possui.

Zé-do-Burro vai até o centro da praça e aí pousa a sua cruz, equilibrando-a na base e num dos braços, como um cavalete. Está exausto. Enxuga o suor da testa.

## Notes

[1] Didascália – Instrução do **Didascal** aos seus intérpretes. Diz-se das indicações cênicas dadas fora do texto, separadas das réplicas.

[2] O pano : Le rideau

[3] O cenário : Le décor.

[4] Linha da ribalta : Sous les projecteurs.

[5] A plateia : Le Public.

[6] Sobrados coloniais : Maisons (de ville) coloniales.

[7] Degraus : Marches (degrés).

[8] Esquina : Coin, angle de la rue, côte, montée, pente.

[9] Os atabaques : **Atabaque – Tambour**

[10] Candomblé : **Candomblé – Religion et rituel**

[11] O toque de lansan : **lansan** – Divinité (culte animiste)